

Consiliência: o retorno ao Iluminismo

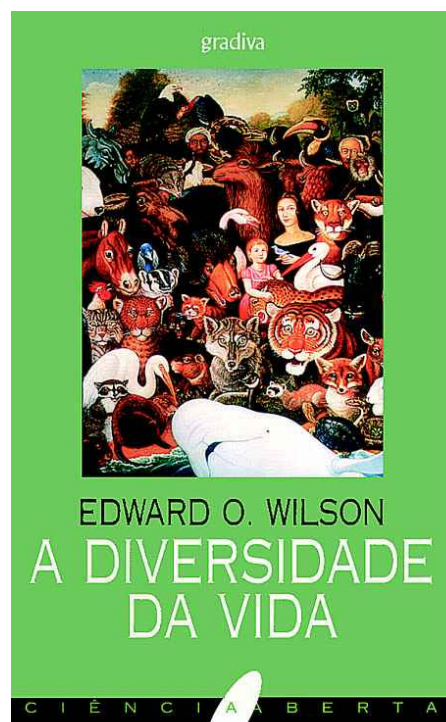
(Expresso: 10-10-1998)

Já não vem nos dicionários, mas, no século passado, «consiliência» era um termo popular. Significava «unidade de conhecimento», isto é, a ligação entre os saberes. Edward Wilson, um biólogo de Harvard, recuperou esta ideia, e hoje em dia luta contra a fragmentação da ciência.

CONSILIÊNCIA não é um termo comum. Pouca gente o conhece, já não vem nos dicionários. A meados do século passado chegou a atingir uma razoável popularidade, quando era sinónimo de unidade de conhecimento, de interdisciplinaridade e de conjugação de diferentes áreas do conhecimento. Em 1840, William Whewell, o criador do termo, chegava a dizer que a coincidência de resultados em diversos campos do saber «**é um teste de verdade para a teoria em que ocorre**».

Estava-se então nos princípios da época vitoriana, e os extraordinários desenvolvimentos científicos que se iriam seguir, desde a teoria da selecção natural de Darwin à descoberta de Neptuno, desde as descobertas electromagnéticas de Faraday até ao desenvolvimento da anestesia, foram progressos que criaram uma nova confiança na ciência, na investigação empírica e no poder da razão.

Uma reacção que se acentuou com o dobrar do século veio pôr em causa essa confiança quase absoluta na ciência. Questionou-se o poder da razão e a possibilidade de o progresso científico vir a resolver os grandes problemas humanos e sociais. As guerras puseram em causa as tecnologias. Muitos pensadores procuraram um retorno à intuição e a formas de expressão humana que pouco tinham a ver com as conquistas científicas. Mais modernamente, teorias habitualmente designadas por pós-modernas questionaram a objectividade do próprio saber: a unidade do conhecimento procurada



pelo Iluminismo e a confiança vitoriana no progresso continuado e contínuo foram postas em causa.

Edward Wilson vem agora a cena terçar armas contra a fragmentação do conhecimento. O biólogo de Harvard acaba de publicar um livro altamente polémico, em que procura recuperar tanto o termo consiliência como a visão iluminista que lhe corresponde. A consiliência e a procura de grandes leis universais, afirma, está a produzir os seus frutos nas ciências da natureza. É tempo de as humanidades e as ciências sociais se lhe juntarem.

Edward O. Wilson é um dos cientistas mais ecuménicos do nosso tempo - um dos intelectuais que mais têm praticado a universalidade de interesses que defende. É conhecido do público por vários livros famosos, entre os quais **Sociobiologia** e **A Diversidade da Vida**. Neste último, que se encontra traduzido para português pela Gradiva, denuncia as alterações na fauna e na flora introduzidas pelo homem e sublinha a importância da preservação da natureza para o próprio futuro da humanidade.

Em **Sociobiologia**, defendia que o código genético e as necessidades de ordem biológica dos indivíduos, tanto insectos como humanos, são determinantes na sua organização colectiva e social. Se **A Diversidade da Vida** foi bem recebida por um público consciente das responsabilidades ambientais, já **Sociobiologia** foi alvo dos ataques mais ferozes. Estava-se na altura em 1975, e Wilson foi acusado de defender uma engenharia social e biológica.

Mas Edward O. Wilson, que nasceu em Birmingham, Alabama, em 1929, e teve uma infância tranquila e extremamente religiosa, é sobretudo um homem gentil e preocupado com o futuro. Ainda na juventude, Wilson abandonou as suas crenças religiosas e decidiu dedicar a vida à ciência. Doutorou-se em Harvard em 1955 e aí ensinou e trabalhou toda a vida.



Wilson tem dedicado muito tempo ao estudo de insectos, nomeadamente das sociedades de formigas

A sua especialidade é o estudo de insectos, nomeadamente das sociedades de formigas. O seu trabalho foi durante muitos anos um trabalho modesto e meticuloso - trabalhou muito tempo no campo, nas florestas

tropicais da América Central, passou muitos anos a observar e classificar formigas. Wilson está convencido que o que aprendeu com uma vida dedicada à ciência pode ter alguma utilidade noutros campos do conhecimento.

A verdade é que o programa de investigação delineado na sua **Sociobiologia** veio a ser parcialmente realizado. A antropologia biológica evolucionária desenvolveu-se e está a atingir uma relativa maturidade. A importância dos traços genéticos para a compreensão dos comportamentos sociais é já reconhecida por muitos especialistas.

A tese fundamental de Wilson é o da determinação genética, a ideia de que cada ser vivo, por causa da sua estrutura genética e do ambiente em que se desenvolve, está inclinado a certas escolhas. Se se puder determinar quais são essas propensões e as suas causas moleculares e fisiológicas, poder-se-á perceber melhor o comportamento dos seres vivos, incluindo os seres humanos.

Tal como qualquer outra função do organismo, diz Wilson, o comportamento pode ser moldado pela evolução. As formigas evoluíram até atingir níveis muito elaborados de comportamento social, mas muitos desses comportamentos são fixados de forma rígida. Os seres humanos evoluíram também na luta pela sobrevivência. Mas, ao contrário das formigas, que têm os seus instintos programados, nos seres humanos as regras são epigenéticas, isto é, são formações neuronais que se limitam a predispor o cérebro a favorecer certos tipos de acção.

No caso do tabu universal contra o incesto, por exemplo, Wilson afirma que existe uma regra epigenética: os seres humanos são instintivamente adversos a aproximações sexuais com aqueles que conheceram intimamente na infância. «**A procura da natureza humana**», escreve, «**pode ser vista como a arqueologia das regras epigenéticas.**»

As críticas às ideias de Wilson têm vindo de vários campos. Mesmo os comentadores mais moderados não deixam de assinalar o reducionismo implícito nas suas tese. Tal como a química descobre leis de comportamento da natureza que não se podem reduzir à física, também a biologia, tendo a lucrar com a bioquímica, jamais estará completamente determinada por esta.

Mas, em **Consiliência**, Edward Wilson vai ainda mais longe. Propõe uma unificação do conhecimento que ultrapassa a biologia e a sociologia. Considera que esta consiliência está em marcha nas ciências e dá o exemplo da grande unificação da física e dos progressos em biologia com o estudo da biologia molecular. Onde a divisão persiste, diz o biólogo, é entre as ciências naturais e as sociais e entre as ciências e as humanidades.

O problema, adianta, é motivado pelo programa actual das ciências sociais, que não adoptaram os métodos de verificação empírica das ciências exactas nem a ambição destas de procurar modelos gerais e unificadores, empiricamente testáveis. Como grande obstáculo a esta evolução, cita as perspectivas pós-modernistas, que descrêem da procura de uma verdade objectiva e adoptam um relativismo cognitivo prejudicial ao debate e à procura dos factos. Se não se procura verdades objectivas mas apenas verdades relativas, se a cada um é permitida «a sua verdade», mesmo em questões sociais científicas, não há debate nem progresso possível no conhecimento, argumenta.

A excepção que Wilson apresenta é a da economia, que enveredou por uma perspectiva científica, ao procurar modelos gerais e modelos matemáticos estatisticamente testáveis. É por isso, argumenta, que a economia obtém resultados explicativos e pragmáticos, enquanto a sociologia se continua a entreter rescrevendo e reanalisando textos centrados na reanálise de outros textos, numa espiral sem fim de auto-referências sem validação empírica e sem ambições de generalidade.

Pense-se o que se pensar, o novo livro de Edward Wilson parece destinado a levantar uma grande polémica e as teses do seu autor irão certamente marcar muito do actual debate científico.

Texto de NUNO CRATO

Edward O. Wilson nasceu em 1929 e dedicou toda a vida à investigação na Universidade de Harvard. O seu trabalho na área da Sociobiologia abriu pistas para a compreensão dos comportamentos sociais a partir de traços genéticos individuais. Wilson tem ainda dedicado muito tempo ao estudo de insectos, nomeadamente das sociedades de formigas. No seu último livro – que está a causar polémica - condena a actual pulverização do conhecimento.

